

## OFICINA DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO PARA PROJETO PAISAGÍSTICO DO BOSQUE UFSC / CFH

### RELATÓRIO – OFICINA 1

Ação de Extensão: 201803898

Coordenação: Prof<sup>a</sup> Soraya Nórr

Sub-coordenação: Prof<sup>o</sup> Sérgio Torres Moraes

Organizadores: Estudantes do PósArq: Bibiana Beretta, Carolina Rios Schmit, Eliane Maria Benvegnú, Larissa Billig De Giacometti e Tiago Nazario de Wergenes.

Dia: 18/06/2018 – Local: mini-auditório do CFH

### 9h20m - APRESENTAÇÃO

O início dos trabalhos se deu com a apresentação da equipe de organização da Oficina (professores e alunos de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo).

A seguir, a apresentação dos participantes da Oficina que estavam representando os diferentes setores da UFSC, como o Grupo de Escoteiro Desterro, o Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC (NDI), representante do Planetário e Observatório da UFSC, técnicos, alunos e professores de diferentes cursos da UFSC.

Num segundo momento foram apresentados os objetivos da Oficina e um pequeno relato sobre a trajetória e o momento atual dos “projetos” referente ao Bosque UFSC/CFH. Após uma breve descrição da metodologia da Oficina.

### 9h45m - VISITA AO BOSQUE DA UFSC

O passo seguinte foi a visita ao Bosque. A visita foi guiada pela estudante do curso de graduação em Biologia, Mel, integrante do Núcleo de Permacultura, que desenvolve projeto no Bosque.

**1ª Parada** (9h50m - ponto alto, atrás da lanchonete do CFH, perto do planetário).

Nesse momento Mel explicou as ações que estão sendo desenvolvidas no planejamento permacultural do Bosque, como e o que está sendo feita a divisão em cinco zonas de manejo e falou do atual momento de recuperação da vegetação nativa do local. Uma das etapas desse processo foi a retirada de árvores exóticas, como eucaliptos e pinheiros. Muitos galhos e folhas das árvores derrubadas estão sendo deixados para poder reter a umidade e recuperar a qualidade do solo.

Em função da presença dos eucaliptos e do estacionamento a área estava muito degradada, com um solo pobre, sendo necessário o trabalho de recuperação da vegetação nativa. A área foi definida como um laboratório vivo para a aprendizagem de diversos cursos da UFSC.

Os professores da Arquitetura chamaram a atenção para a topografia e a ambiência dos espaços do Bosque, pedindo para os participantes refletirem sobre essas questões, pensando nas sensações que o espaço nos passa.

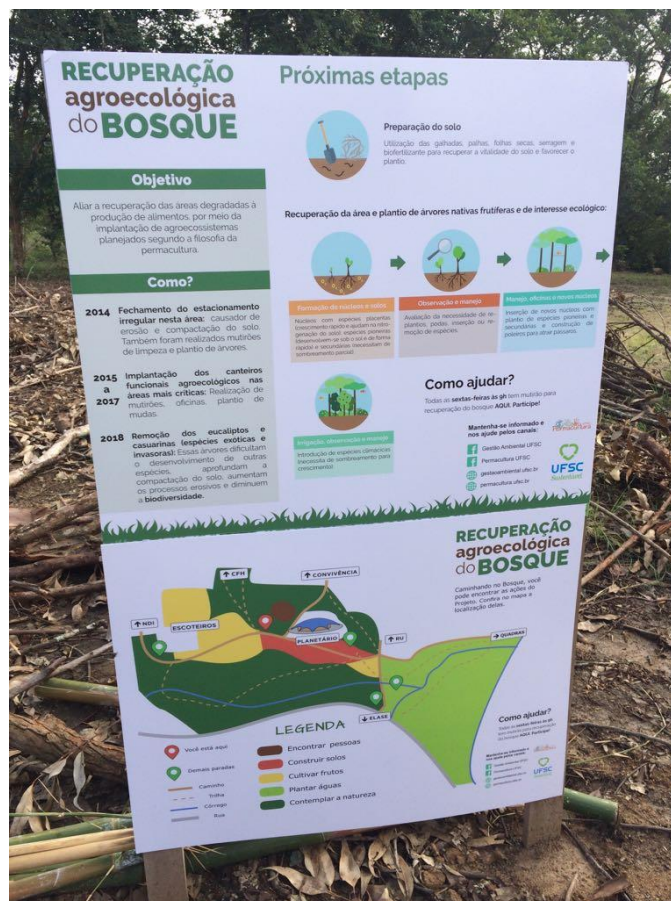


Figura 1 – Placa sobre as atividades de recuperação do Bosque.

**2ª Parada** (10h10m - junto ao grande garapuvu, na área de mata mais preservada, aos fundos do Bosque).

Local com vegetação consolidada, curso de água e um microclima diferente da área anterior.

O professor Orlando Ferretti, do curso de Geografia, explicou que até a década de 1990 essa área era inteiramente devastada e que a partir de 1994 iniciou-se o plantio de diversas mudas. Hoje há uma variedade maior de espécies de vegetação e esse local consiste num importante corredor de pouso de pássaros e num corredor ecológico da Ilha de Santa Catarina, desde o Morro da Cruz até o Manguezal do Itacorubi.

Foi destacada também a importância de lugares como esse para promover o convívio da população com um ambiente natural.

**3ª Parada** (10h20m - pequena várzea perto do rio, marcada por uma estrutura de madeira abandonada).

Área com uma topografia plana e um antigo palco de madeira. O local foi apresentado ao grupo como um espaço de convivência e também um local onde se encontram eventualmente usuários de drogas. Também é usado para o treino dos integrantes do Sistema de Combate e Artes Marciais Medievais.

Falou-se das características do local, mais baixo e perto do rio, bastante úmido e que chega a ficar alagado quando chove muito. Isso causava incômodos no uso do espaço para apresentações, o que motivou o abandono do palco.

Algumas medidas recentes como as reformas na Serrinha proporcionaram a melhoria na qualidade da água do rio que passa nessa área.



Figura 2 – Visita guiada ao Bosque.

#### **4ª Parada** (10h30m - ao lado do Planetário)

Nesse ponto há uma composteira de folhas, de fácil manuseio e que não produz cheiro nem atrai insetos e animais indesejados.

Mel explicou sobre os canteiros feitos nas encostas ao redor do planetário com algumas espécies temporárias, para auxiliar na contenção e recuperação do solo.

#### **5ª Parada** (10h40m - acesso à Rua César Seara, próximo à ELASE)

Está área foi denominado por Mel como “plantando água”, na qual estão sendo plantadas diferentes espécies vegetais, para verificar qual melhor se adequa ao local e assim reconstituir a mata ciliar, proteger as margens do córrego, uma vez que está poluído, pois nasce fora da universidade e recebe esgoto doméstico do entorno. Também foi mencionada a erosão e a presença de plantas ‘agressivas’ invasoras, como a exótica “Margaridão” que prejudicam a diversidade de espécies.

Na volta ao auditório, os participantes foram divididos em quatro grupos para ser realizada a etapa de elaboração do mapa coletivo sobre as sensações sobre o Bosque.

A pós-graduanda Bibiana Beretta conduziu a atividade, iniciando pela apresentação de uma “pergunta disparadora”: *Como você sente o bosque?*

A partir dessa pergunta os grupos escreveram em *post-its* o que sentiram em cada ponto do bosque. Em *post-its* rosa e amarelo escuro foram escritas sensações positivas, em *post-its* amarelo claro as negativas. Posteriormente, estes foram colocados num mapa do local, fixado no quadro, nos respectivos pontos aos quais as sensações se referiam. O objetivo da atividade era criar/elaborar uma ideia coletiva do espaço do Bosque.

Então, cada grupo foi à frente da sala e expôs suas ideias com relação ao que foi escrito:

O primeiro grupo falou, principalmente, com relação ao potencial pedagógico do local e a degradação ambiental;

O segundo levantou questões relacionadas à insegurança de determinados locais, à presença de animais como algo positivo e também destacou o potencial pedagógico do local;

O terceiro grupo mencionou um “sentimento de devastação/degradação” motivado pela atual situação do Bosque, com a retirada das árvores exóticas, entretanto, também destacou um “sentimento de felicidade” em estar em contato com a natureza do local. O grupo também abordou a ideia de o Bosque ser uma área de lazer e convívio público, aberto à comunidade e criticou a presença de vegetação muito fechada na saída para a Rua César Seara, que promoveria a insegurança no local.

Durante o debate que se seguiu surgiram outras colocações, o representante da equipe de Jardinagem UFSC falou sobre a necessidade de pensar no porte das árvores que serão plantadas, pois, para ele, árvores mais frondosas à noite são mais “perigosas” porque não permitem a visualização geral do local. Evitar árvores frondosas nos principais fluxos.

Foi destacado que o bosque é uma área de lazer e convívio público, porém os prédios estão “de costas” para seus limites.

É preciso planejar o bosque também para a comunidade em volta da UFSC. Torná-lo um lugar agradável para passear com animais, andar de bicicleta, aprender sobre meio ambiente, ter atividades de educação ambiental.

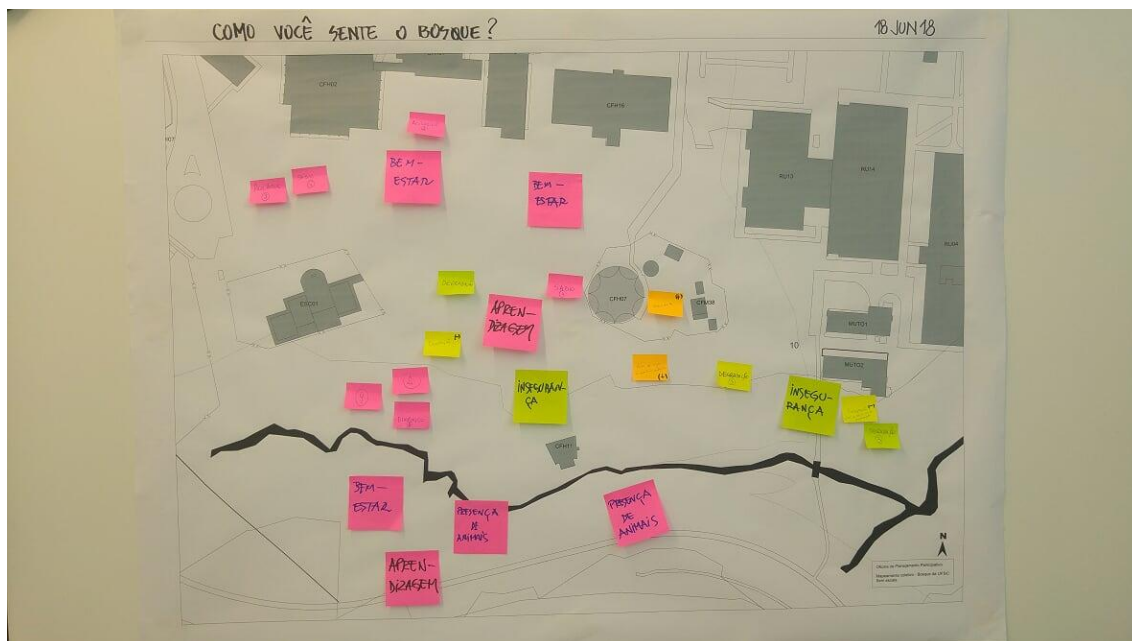


Figura 3 – Mapa coletivo do Bosque.

GRUPO 01

SENSAÇÃO	LOCAL
Acolhedor	Próximo à Lanchonete CFH
Sábio/ Educativo	Geral
Dinâmico	Córrego
Degradação (de relações pessoais e da natureza)	Onde há lixo

GRUPO 02

SENSAÇÃO	LOCAL
Bem estar	Geral
Insegurança	Caminho para o acesso da ELASE
Presença de animais	Em todo o bosque e principalmente na área mais preservada (parada 02 da visita guiada)
Educativo (aprendizagem)	Geral

GRUPO 03

SENSAÇÃO	LOCAL
Devastação	Geral
Felicidade	Geral
Preocupação com o processo de recuperação de espécies (vegetação e animais)	Áreas de substituição das exóticas

As atividades da manhã encerraram-se ao meio dia.

13h30m – PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

No período da tarde iniciou-se a parte relativa ao planejamento participativo, que foi representado pela montagem de um painel com o levantamento das potencialidades e dos problemas do Bosque, a partir dos quais foram estabelecidos os objetivos e, a partir dos objetivos, propostas ações que tinham relação com o planejamento do espaço. A Prof. Soraya explicou a metodologia de trabalho com as tarjetas coloridas e

mediou o debate sobre as propostas. Todas as tarjetas foram discutidas com o grande grupo, auxiliando na interpretação e verificando o acordo de todos.

À tarde novos participantes chegaram, totalizando 20 pessoas. Os participantes foram novamente distribuídos em grupos, formaram-se quatro grupos de forma aleatória.

## POTENCIALIDADES E PROBLEMAS

A primeira discussão foi sobre as potencialidades do Bosque e cada grupo recebeu três tarjetas de cor verde para sintetizar essas potencialidades. Com vinte minutos para discussão, cada grupo escreveu três principais potencialidades em tarjetas verdes, fixadas posteriormente no painel e debatidas no grande grupo.

A segunda discussão foi sobre os problemas do Bosque, também sintetizados em três tarjetas por grupo, de cor rosa.

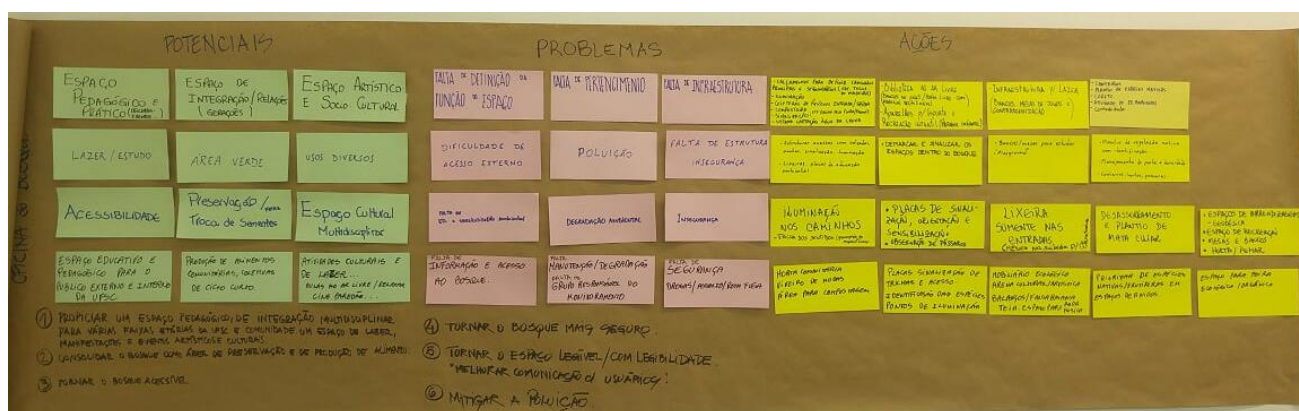


Figura 4 – Painel do Planejamento participativo do Bosque.

## OBJETIVOS

A partir do debate sobre potencialidades e problemas foi possível estabelecer objetivos relativos ao planejamento do espaço do Bosque. A síntese dos objetivos discutidos pelos participantes foi escrita em frases abaixo das tarjetas, no painel:

1. Propiciar um espaço pedagógico de integração multidisciplinar para várias faixas etárias da UFSC e comunidade. Um espaço de lazer, manifestações e eventos artísticos e culturais;
2. Consolidar o Bosque como área de preservação e de produção de alimentos;
3. Tornar o Bosque acessível;
4. Tornar o Bosque mais seguro;
5. Tornar o espaço legível (com legibilidade), melhorar a comunicação com usuários;
6. Mitigar a poluição.

## AÇÕES PROPOSTAS

Na mesma lógica das atividades anteriores, possíveis ações foram discutidas para contemplar os objetivos formulados. Cada ação foi discutida com o grande grupo e algumas questões foram destacadas:

- A intenção em criar centralidades;
- A dificuldade de manutenção no Bosque, a ser considerada nas propostas;
- O cuidado nas escolhas das infraestruturas culturais, para não gerar um número inadequado e exagerado de pessoas acessando e circulando no Bosque;
- A necessidade de espaços e práticas mais efêmeras com propostas de infraestruturas flexíveis e versáteis;
- A promoção de possibilidades de usos como uma forma de aumentar a segurança;
- O cuidado na localização das lixeiras, de preferência na periferia, alertando os efeitos prejudiciais da presença de lixo no interior do Bosque devido às aves e animais em geral;
- O cuidado com a localização e intensidade da iluminação;
- A importância da hierarquia de caminhos e da acessibilidade universal.

Ainda nos mesmos grupos, os participantes discutiram e escreveram, em novas tarjetas amarelas, as ações que julgavam necessárias para atender aos objetivos levantados no coletivo.

Os itens abaixo fazem parte da síntese de discussão de cada grupo.

#### **GRUPO 01**

- Calçamentos secundários com tocos de madeira (área lúdicas para crianças);
- Coletoras de lixo da entrada e saída do Bosque (não colocar muitas lixeiras dentro do Bosque);
- Canteiros;
- Fazer no calçamento uma captação de água da chuva que seria levada para um reservatório e posteriormente essa água poderia ser usada para irrigação;
- Definição das áreas que serão preservadas para que elas sejam um laboratório para a UFSC;
- Construir infraestruturas que sejam funcionais e que preservem a natureza e o trabalho de recuperação da vegetação já realizado;
- Biblioteca ao ar livre: ideia realizada pelo NDI, em forma de projeto de extensão com as crianças e suas famílias, no qual foram “fabricadas” estruturas com bombonas de água para armazenar livros. As bombonas foram distribuídas pelo Bosque.
- Aparelhos esportivos e recreativos que integram todas as idades. A ideia não seria fazer um “parquinho” nos formatos tradicionais e sim estruturas lúdicas com objetos da natureza como troncos de árvores ou estruturas reaproveitadas como pneus que viram balanços.
- Mesas compridas para pic nics (similar à lagoa do Peri)

- Criar uma centralidade que interligasse todos os espaços do Bosque. Essa centralidade poderia ser feita por um coreto.

Discussões levantadas sobre as ações propostas pelo Grupo 01:

Sobre a ideia do coreto, o objeto construído dessa centralidade, alguns participantes falaram que não se pode criar estruturas muito grandes que demandam grandes manutenções, pois atualmente o Bosque não tem uma estrutura operacional para manter as infraestruturas.

Foi sugerido fazer uma estrutura vazada que quando recebesse eventos e necessitasse de cobertura teria infraestrutura para colocar uma lona ou outro material que após o evento pode ser retirado, utilizando estruturas efêmeras, versáteis e flexíveis.

## **GRUPO 02**

- Colocar lixeiras nos acessos do Bosque. Não colocar muitas lixeiras dentro do Bosque porque elas não têm manutenção. Lixeiras dentro do Bosque também acabam atraindo ratos e demais animais que se alimentam dos resíduos, como doces, e podem desenvolver doenças. Estimular a pessoa a gerar menos lixo e levar seu lixo para casa. Orientar pela sinalização como por exemplo: leve seu lixo para casa ou para as entradas e saídas do Bosque.
- Playground interativo;
- Planejamento de porte de árvores, densidade das copas;
- Ter iluminação artificial, mas não exagerar pois pode acabar atrapalhando a fauna no período noturno e também acaba prejudicando a visualização das estrelas no planetário;
- A iluminação artificial deveria ser voltada para dentro do caminho e compatível com o porte da vegetação.

## **GRUPO 03**

- Iluminação com respeito à fauna e flora (Não iluminar árvores que ficarão fazendo fotossíntese o tempo inteiro, sem parar)
- Lixeiras na entrada (exceto no planetário pois quando havia um contentor lá não havia uma retirada diária do lixo e o mesmo acumulava-se)
- Recuperação de mata ciliar com ações voltadas diretamente para isso;
- Horta e horto medicinais;
- Sugestão de construção de geodésica como local para trabalhar os espaços de aprendizagem/oficinas, em vez de um palco, como um objeto vazado que vai marcar o espaço e que não exige muita manutenção;
- Caminhos em patamares para respeitar a topografia do local;
- Caminhos que respeitem os corredores de animais/vegetação;
- Dois tipos de trilha: orientativas (auto orientação) e trilha da vida ou trilha sentida (sensorial – similar à trilha sensorial do Horto do Córrego Grande);
- Não criar novas entradas para o Bosque, trabalhar com as que já existem.



#### **GRUPO 04**

- Viveiros de mudas – espécies que possam ser doadas para a comunidade;
- Pontos de iluminação;
- Mobiliário ecológico (bambu, pneus) que estimulem brincadeiras mais lúdicas como a “falsa baiana” (brincadeira sugerida pelos escoteiros);
- Horta orgânica e uma vez por semana venda dos excedentes através de feiras;
- Horta em formato de mandala para reunir as pessoas;
- Feira que seja montada e desmontada todas as vezes;
- Para criar divisas, alinhamentos entre espaços podem ser usado ramos de podas ou troncos, substituindo as cercas;
- Espaços multiusos, rodas de músicas, aula, oficinas.

Após todos os grupos apresentarem oralmente as ações discutidas, os participantes chegaram a um comum acordo que as ações propostas são pertinentes e melhorariam o Bosque.

Os debates e propostas da Oficina 1 visam orientar o desenvolvimento do Projeto Paisagístico a ser desenvolvido por estudantes e professores do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Às 17h00 a Oficina 1 foi encerrada com agradecimentos e previsão de realização da Oficina 2 no segundo semestre de 2018.

Florianópolis, 18 de junho de 2018.

Equipe organizadora.